

Venda de carro deve cair

Wagner Gomes, de São Paulo

O aumento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos veículos automotivos em cinco pontos percentuais vai afetar diretamente o bolso do consumidor, que acabará assumindo os custos do reajuste, afirmou André Beer, vice-presidente da General Motors do Brasil. “Qualquer produtor que paga IPI está sujeito a alterações nas regras, mas a tributação nos automóveis já é muito elevada para sofrer reajuste”, avaliou. “Os preços vão subir e será preciso gerenciar o estoque nas concessionárias”.

O impacto da elevação da alíquota nos preços dos automóveis, entretanto, irá variar dependendo do modelo escolhido pelo consumidor, já que a participação do IPI na carga tributária muda de acordo com a categoria do veículo. Hoje vigoram quatro alíquotas diferentes: a do carro popular subiu de 8% para 13%. Nas demais, o aumento foi para 25%, 30% e 35%. Além do IPI, o proprietário paga Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins).

O pacote pegou de surpresa as montadoras, avaliou Ben Van Schaik, presidente da Mercedes-Benz do Brasil. “A indústria está passando por um momento muito difícil”. Apesar disso, afirmou que a alta dos juros é ainda pior que o aumento do imposto. Isto porque a maior parte dos clientes precisa de financiamento para comprar um veículo. A Mercedes-Benz importa hoje pouco mais de 3 mil automóveis por mês, mas está construindo uma fábrica para produzir o modelo Classe A, a partir de 1999.

José Ramos de Oliveira, gerente nacional de vendas da Ford do Brasil, disse que o aumento é uma enorme decepção para os empresários. “Esperávamos que os automóveis não fossem atingidos por causa da importância do setor na economia”, disse. “É difícil explicar esse aumento para os norte-americanos e europeus, que pagam de 4% a

6% de impostos apenas.” A Ford está negociando com o sindicato da categoria a redução de 10% da jornada de trabalho, atualmente de 44 horas, na fábrica de São Bernardo do Campo (SP). Também estão sendo eliminadas as horas-extras aos sábados na fábrica de caminhões instalada no bairro do Ipiranga, em São Paulo, além do acréscimo de uma a duas semanas no período de férias coletivas de 15 dias programadas para o final do ano.

Laurent Bernard, diretor de planejamento e produtos da Renault do Brasil, prevê a redução dos impostos no futuro, mas acha que, mesmo temporárias, as medidas anunciadas ontem provocarão queda das vendas. Bernard classificou de “loucura” o reajuste do imposto dos veículos populares, que representam mais de 60% das vendas nacionais. A Renault, segundo ele, já contava com crises na economia brasileira, mas não imaginava que ela poderia vir de turbulências no mercado externo.

A montadora francesa é uma das fabricantes estrangeiras que recentemente anunciou a construção de uma fábrica no País. A unidade começa a produzir 100 mil veículos em Juiz de Fora (MG) a partir de 1999 com investimentos que ultrapassam US\$ 700 milhões.

Silvano Valentino, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), disse que a adoção de medidas fortes era a única alternativa do governo, mas fez coro com os principais fabricantes quanto às previsões de queda na atividade econômica, com redução de demanda e aumento de custos. Ele também previu a redução do volume de produção e lembrou que o consumidor já afastou-se das revendas. ■